

# RESENHA

## HISTÓRIAS LOCAIS / PROJETOS GLOBAIS: COLONIALIDADE, SABERES SUBALTERNOS E PENSAMENTO LIMINAR

Walter Mignolo<sup>1</sup>.

Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 505 p.

O livro de Walter Mignolo é um daqueles livros que deixam marcas em nossa vida intelectual, pois nos descentra de nossas tradicionais visões sobre a ciência e o conhecimento, desnaturalizando e desconstruindo os cânones acadêmicos e, desse modo, revelando como nossa formação está arraigada num imaginário marcado por uma colonização intelectual eurocêntrica.

O livro provoca inicialmente um certo desconforto, pois os argumentos questionam a naturalidade com a qual aceitamos a idéia de que determinadas teorias produzidas em determinados lugares geostóricos e línguas (principalmente inglês, francês, e alemão, a partir da Europa e dos Estados Unidos) são superiores, «avançadas» e possuem um valor universal incontestável. Já outras teorias produzidas a partir de línguas e histórias locais subalternizadas (por exemplo, teorias produzidas na Bolívia, em espanhol, ou no Brasil, em Português) são olhadas com desconfiança e com «reservas» em relação a uma pretensa validade universal.

Para Mignolo isso implica em perguntamos: será que as teorias têm o mesmo papel e significado no seu lugar de origem geostórico e em outros lugares para onde migram? Por que algumas teorias viajam e têm um alcance maior que outras? As respostas a essas perguntas estão na «colonialidade» do poder e na diferença colonial que configuram historicamente uma verdadeira geopolítica do conhecimento, onde teorizar, pensar, parece ser privilégio de poucos indivíduos «iluminados» que estão localizados em determinados lugares geohistóricos do globo.

---

<sup>1</sup> Walter Mignolo é argentino, professor de literatura e Antropologia e diretor do Centro de Estudos Globais e Humanidades da Universidade de Duke nos Estados Unidos.

O autor analisa como se constitui esse imaginário ao longo da formação do sistema moderno/colonial, mostra que ocorreu uma verdadeira colonização epistemológica pautada no etnocentrismo, no eurocentrismo arraigado no seio da modernidade, tanto na filosofia, literatura, religião como na ciência. O autor revela como autores referenciais do pensamento moderno compartilhavam dessa visão preconceituosa, arrogante e prepotente, onde somente determinados homens, a partir de determinados lugares, culturas e línguas, têm o direito ao pensamento, à filosofia, à ciência. A lista percorrida por Mignolo inclui Hegel Weber, Kant e mesmos os críticos da modernidade como Marx, Nietzsche, Foucault, Bourdieu, Habermas, Derrida, Deleuze e Norbet Elias.

Mignolo propõe ao longo do livro o encontro/confronto desses autores, suas teorias, línguas e histórias locais hegemônicas com outras formas de conhecimentos, teorias, línguas, memórias e histórias locais subalternizadas. É desse modo que o autor traz para o cenário intelectual autores africanos, árabes, latino-americanos, entre outros. Em sua lista estão, por exemplo, Paulo Freire, Aníbal Quijano, Dussel, Darcy Ribeiro, Roberta Menchú, Rivera Cusicanqui, Rodolfo Kusch, Franz Fanon, Khatibi, entre outros que apontaram para formas de pensamento e conhecimento a partir da colonialidade do poder e da diferença colonial.

A primeira lista de autores é bastante familiar, pois são intelectuais do centro do sistema colonial/moderno que falam e teorizam em Francês, Alemão ou Inglês. Já o segundo grupo de intelectuais é bem menos conhecido, autores *menos* lidos e ouvidos não por falta de capacidade e criatividade intelectual, mas por falarem e teorizarem *a partir* das margens do sistema moderno/colonial, em espanhol, português árabe, crioulo, [*«chicano» não é língua!*] etc. Isso revela que ao longo da formação do sistema moderno/colonial se constitui uma verdadeira geopolítica do conhecimento, onde as localizações geostóricas estão em estreita relação com as localizações epistemológicas, tal relação sendo configurada pela diferença colonial.

É esta relação entre colonialidade e epistemologia que é o ponto de partida e o fio condutor do livro de Walter Mignolo. É a partir dessa relação que o autor constrói seu pensamento em torno de dois planos diferentes, embora complementares: primeiramente, como uma crítica cultural às configurações históricas do imaginário do sistema colonial/moderno, fundamentado na colonialidade do poder e na diferença colonial que historicamente produziu uma geopolítica do conhecimento que subalterniza saberes, povos e culturas. Nessa perspectiva, o seu trabalho faz uma genealogia dos processos de subalternização das diferentes formas de saberes, memórias, línguas e histórias locais, suprimidas e silenciadas pela colonialidade do poder no imaginário moderno/colonial.

No segundo plano, o livro vai para além da crítica à colonialidade do poder e dos processos de subalternização e aponta para a emergência de novos loci de enunciação, uma «gnose liminar» que é expressão de uma razão subalterna lutando para afirmação

dos saberes historicamente subalternizados. Para o autor, estamos vivendo a emergência de um «outro pensamento», um pensamento liminar que aponta para uma razão pós-ocidental. Essa gnose ou pensamento liminar é uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento e implica na sua redistribuição geopolítica até então pautada na colonização epistêmica e na subalternização de todas as formas de saberes que não estivessem pautadas nos cânones da ciência eurocêntrica.

A gnose liminar enquanto conhecimento é produzida na interseção dos colonialismos modernos e do conhecimento produzido na perspectiva das modernidades coloniais. É uma forma de conhecimento construído nos espaços liminares, nas fronteiras da diferença colonial. É uma poderosa e emergente gnoseologia que, na perspectiva do subalterno, está deslocando e absorvendo as formas hegemônicas do conhecimento. Contudo, não se trata de uma forma de sincretismo ou hibridismo, mas de «um sangrento campo de batalha na longa história da subalternização colonial do conhecimento e da legitimação da diferença colonial» (p. 35). O pensamento liminar na perspectiva da subalternidade é, para Mignolo, uma «máquina para descolonização intelectual e, portanto, para a descolonização política e econômica» (p.76).

Para desenvolver esses argumentos o autor constrói o seu livro com uma introdução e três partes, compostas de sete capítulos na sua totalidade. Na introdução ele mostra a arquitetura do livro e de seu projeto intelectual, apontando para um conjunto de conceitos e teses que dão substância ao trabalho e que justificam as escolhas do seu arcabouço conceitual como: sistema-mundo, diferença colonial, colonialidade do poder, saberes subalternos, geopolítica do conhecimento, modernidade/colonialidade, colonialismos modernos, modernidades coloniais, gnose liminar, razão subalterna, razão pós-ocidental. Tais conceitos são pilares de sustentação do livro e são desenvolvidos no transcorrer dos capítulos

A primeira parte, *À procura de uma outra lógica*, é composta de um capítulo denominado *Pensamento liminar e diferença colonial*. Nele Mignolo tenta esboçar de maneira mais clara o seu arcabouço teórico-conceitual, discutindo inicialmente o conceito de colonialidade do poder de Aníbal Quijano e transmodernidade de Henrique Dussel, tais conceitos apontando para a diferença colonial como elemento fundamental para se pensar a constituição do sistema moderno/colonial.

Esses autores apontam para uma perspectiva de que é impossível pensar a modernidade sem a colonialidade, não dá para pensar nos esplendores e nos triunfos da modernidade ocidental sem pensar na colonialidade do poder e do saber. Essa idéia implica em ver a modernidade de forma indissociável da colonialidade. A colonialidade é parte constitutiva da modernidade, é seu lado sombrio, oculto e silenciado. Assim, a modernidade e a colonialidade são duas faces de uma mesma moeda.

Essa concepção constitui o pano de fundo do livro, pois é a partir desse novo olhar que o autor analisa a formação do sistema-mundo, tendo como referência a modernidade/

colonialidade em suas várias histórias locais simultaneamente configuradas nos colonialismos modernos e nas modernidades coloniais, e não apenas como uma história mundial, universal e abstrata

Essa perspectiva de leitura do imaginário do sistema moderno/colonial que tem como primeiro plano a colonialidade do poder e a diferença colonial aponta para um processo de descolonização epistêmica pautada em novos *loci* de enunciação a partir dos saberes subalternos em confronto com as formas de saberes hegemônicos. Este processo resulta numa outra forma de pensamento, numa outra epistemologia, um *pensamento liminar* que opera a partir e entre as diversas histórias locais, redefinindo a geopolítica do conhecimento.

A segunda parte, denominada *Sou o que penso: geopolítica do conhecimento e as diferenças coloniais epistêmicas*, é composta de três capítulos. O primeiro deles é denominado *A Razão Pós-Occidental: crise do ocidentalismo e a emergência do pensamento liminar*; o segundo, *Compreensão Humana e Interesses Locais: ocidentalismo e o argumento (latino) americano*, e o terceiro, *Os Estudos Subalternos são Pós Modernos ou Pós-Coloniais? As políticas e sensibilidades dos lugares geoistórico*. Nesta parte o autor mostra que o ocidentalismo é o horizonte hegemônico, a face visível do edifício do mundo moderno, ao passo que os saberes subalternos são seu lado sombrio, o lado colonial da modernidade. Contudo, para Mignolo, no momento atual se aprofunda a crise do ocidentalismo, ao mesmo tempo em que emerge uma razão subalterna, a partir dos saberes subalternos e das margens do Ocidente, apontando para um pensamento liminar e uma razão pós-occidental que coloca em primeiro plano a colonialidade e a diferença colonial.

Para tornar nítida a força dessa emergente gnose liminar como forma de descolonização epistêmica, Mignolo a diferencia das teorias críticas pós-modernas. Para ele a pós-modernidade é tanto um discurso crítico sobre a presunção do imaginário da «modernidade» quanto uma caracterização do presente histórico em que é possível tal discurso. Em contraste, a pós-colonialidade (e seus equivalentes) é tanto um discurso crítico que traz para o primeiro plano o lado colonial do «sistema mundial moderno» e a colonialidade do poder embutida na própria modernidade, quanto um discurso que altera a proporção entre os locais geoistóricos (ou histórias locais) e a produção de conhecimentos (p136).

Desse modo, o autor aponta para a relação entre locais geoistóricos e produção do conhecimento, entre localização geográfica e localização epistemológica, e como essa relação é costurada pela diferença colonial e colonialidade do poder. Tais reflexões apontam para as implicações e conseqüências de *ser de* e *estar em*, ou seja, a relação entre o que se teoriza e a partir de onde teoriza.

É neste sentido que o autor afirma que as perspectivas pós-coloniais implicam no reordenamento da geopolítica hegemônica do conhecimento, pois apontam para um novo *locus* de enunciação como formação discursiva emergente e como forma de arti-

culação da racionalidade subalterna, entendida como um conjunto diverso das práticas teóricas emergindo *dos* e respondendo *aos* legados coloniais na interseção das histórias locais e dos projetos globais. Assim, o pós-ocidentalismo como horizonte para os estudos subalternos implica na rearticulação de processos civilizadores, um processo plurilógico e pluritópico que afirma uma maneira de pensar as semelhanças-na-diferença, substituindo a idéia de semelhanças-e-diferenças frutos dos discursos coloniais e imperiais.

O autor se propõe a pensar tais questões localizando-se a partir da América Latina. Neste sentido, dedica um capítulo para mapear os diferentes momentos, processos, idéias e autores que moldaram a imagem e a identidade geocultural das Américas no horizonte colonial da modernidade. Nesse processo, analisa o re-significado das Américas no imaginário do sistema mundial ao longo da história. Inicialmente se concentra no processo de colonização e descolonização das Américas, em especial no século XIX. Para tanto, realiza uma incursão no pensamento social latino-americano e depois discute como tais questões se rearticularam no século XX.

Estas questões são desenvolvidas através de um interessante exercício por meio do qual é mostrada a relação do pensamento latino-americano com o marxismo e também com os chamados estudos subalternos. Neste processo é proposta uma viagem ao subsolo do pensamento social latino-americano, apontando o confronto de determinados pensadores com a tradição marxista, mostrando como tais autores revelaram o limite e a incapacidade do marxismo em pensar a América Latina a partir da diferença colonial e da alteridade na relação entre exterioridade e interioridade «o mesmo e o outro».

Mignolo usa também os chamados estudos subalternos numa perspectiva latino-americana para desenvolver um mapeamento de uma regionalização dos legados coloniais e dos *loci* de enunciação pós-colonial, revelando de maneira contundente o papel da cultura e da língua na produção da teoria. – mostrando a existência de diferentes perspectivas dos estudos subalternos na América Latina. (Tendências pós-modernas e pós-coloniais: estudos *sobre* a América latina e *a partir da* América Latina.).

A terceira parte, denominada de *Subalternidade e diferença colonial: línguas literaturas e saberes*, é composta de três capítulos: «Uma outra língua»: *mapas da lingüística, geografias literárias, paisagens culturais; Beliquajando o amor: pensando entre línguas; Globalização, «mundialización»: processos civilizadores e recolocação de línguas e saberes*, além de *Pósfacio: uma outra língua um outro pensamento, uma outra lógica*.

Nessa parte o autor continua na mesma linha de raciocínio, embora a ênfase agora seja na relação colonialidade, língua e literatura. Mignolo mostra que existe uma geopolítica da língua e tal geopolítica implica nas localizações epistemológicas e também nas geografias literárias. Neste sentido, questiona o papel dos cânones coloniais e nacionais que marcam a produção literária, mostrando como esses cânones servem de referência aos processos de subalternização de toda produção literária

produzida fora das línguas hegemônicas.

Prosseguindo sua reflexão, Mignolo questiona a essencialização da relação língua, literatura, cultura e território, mostrando que essa equação não é ontológica, mas histórica e construída ao longo das configurações dos colonialismos modernos num processo de subalternização, supressão e silenciamento de determinadas línguas, sobretudo aquelas dos colonizados. Contudo, hoje, as heranças e os legados coloniais se encontram com os processos de globalização. Este encontro se materializa na crescente migração no sentido periferia (ex-colônias) - centro (ex-metrópoles, diásporas, entre outros fenômenos que subvertem as configurações nacionais pautadas na ideologia da pureza de uma unidade coerente e homogênea da língua e da cultura nas fronteiras de um território).

Essas novas configurações apontam para novos mapas lingüísticos que não são mais os mapas nacionais. Neste novo contexto, a língua é transfigurada em novas formas de linguajamento, uma língua liminar marcada pelo bilinguajamento ou plurilinguajamento que significa o pensar entre línguas, pensar na fronteira, o pensamento liminar que rompe com o monolinguajamento colonial e nacional. A emergência de um pensamento liminar e de uma nova língua liminar apontam para novos processos civilizadores que alterem e ultrapassem as configurações históricas e geopolíticas do ocidentalismo que marcou nos últimos quinhentos anos o sistema moderno colonial, pautadas na colonização epistêmica e subalternização de saberes, línguas, culturas e povos.

O livro aponta para um des-locamento do *locus* de enunciação dos centros do sistema moderno-colonial para suas margens, para as fronteiras das diferentes histórias locais. Mas isso não significa negar a importância da ciência e das formas de saberes ocidentais hegemônicas. Não se trata também de um relativismo cultural e epistêmico, pois ele não propõe pensar as diversas histórias, saberes e epistemes locais como simplesmente resultado de diferenças culturais, mas sim da diferença colonial, resultante da colonialidade do poder e do saber. Isso não implica em relativizar, mas sim em «regionalizar» e «provincializar» as diferentes histórias locais (modernidades coloniais) e os diferentes projetos globais (colonialismos modernos) demonstrando que estes projetos não são universais e abstratos, mas circunscritos nos limites das diferenças coloniais específicas na formação do sistema-mundo moderno colonial.

Acompanhar esse projeto de «regionalização» da modernidade/colonialidade que Mignolo propõe nesse livro é um fascinante exercício de descolonização intelectual que redefine e re-significa nossos horizontes políticos e epistemológicos como intelectuais e como sujeitos históricos.

Valter do Carmo Cruz  
PPGEO-UFF